

Cabrera García, A. (coord.); Crivelli Minutti, E. (coord.); Domínguez Martín, R. (coord.); Lo Brutto, G (coord.). *La Cooperación Internacional en Tiempos de Competencia Estratégica: entre el interregno hegemónico y la multipolaridad*. Editorial Universidad de Cantabria: Santander, 2025, 236p. ISBN: 978-84-19024-95-4. <https://doi.org/10.22429/Euc2024.028>

Cabrera García, A. (coord.); Crivelli Minutti, E. (coord.); Domínguez Martín, R. (coord.); Lo Brutto, G (coord.). International Cooperation in Times of Strategic Competition: between the hegemonic interregnum and multipolarity. University of Cantabria: Santander, 2025, 236p. ISBN: 978-84-19024-95-4. <https://doi.org/10.22429/Euc2024.028>

Jose Alejandro Sebastian Barrios Diaz ¹

¹Universidad Nacional de Rosario (UNR), Rosario, Santa Fe, Argentina. E-mail: ale.ri.barrios@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8386-3642>

Resenha recebida: 16 jan. 2025 | Aceita: 20 de ago. de 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

No contexto de um mundo marcado pela competição estratégica, a cooperação internacional contemporânea reflete um cenário de transição hegemônica. O declínio da hegemonia ocidental e a ascensão do Sul Global, embora não unificado, ampliam os desafios para a promoção de consensos. O livro *La Cooperación Internacional en Tiempos de Competencia Estratégica* aborda essas dinâmicas com uma perspectiva crítica e interdisciplinar, destacando a relevância da cooperação Sul-Sul como alternativa ao modelo Norte-Sul. Os capítulos exploram temas como a instrumentalização da democracia por Estados Unidos e China, as relações entre migração e capitalismo racial, e a transição do BRICS para BRICS Plus. Além disso, analisa-se o impacto das empresas estatais chinesas e a financeirização da ajuda ao desenvolvimento. Embora o livro forneça uma análise rica, carece de maior aprofundamento em soluções e integração entre teoria e estudos de caso, permanecendo, no entanto, indispensável para o campo das Relações Internacionais.

Palavras-chave: Transição hegemônica. Cooperação internacional. Competição estratégica.

ABSTRACT

In the context of a world marked by strategic competition, contemporary international cooperation reflects a scenario of hegemonic transition. The decline of Western hegemony and the rise of the Global South, although not unified, amplify the challenges of promoting consensus. The book *International Cooperation in Times of Strategic Competition* addresses these dynamics with a critical and interdisciplinary perspective, highlighting the relevance of South-South cooperation as an alternative to the North-South model. The chapters explore topics such as the instrumentalization of democracy by the United States and China, the relationships between migration and racial capitalism, and the transition from BRICS to BRICS Plus. Additionally, it examines the impact of Chinese state-owned enterprises and the financialization of development aid. While the book provides a rich analysis, it lacks deeper exploration of solutions and integration between theory and case studies, yet it remains indispensable for the field of International Relations.

Keywords: Hegemonic Transition. International Cooperation. Strategic Competition.

No contexto de um mundo marcado pela competição estratégica, como sugere o título do livro, a cooperação internacional contemporânea assume características de um jogo em que as regras são constantemente renegociadas entre um Ocidente em declínio hegemônico e um Sul Global em ascensão, embora não unificado. Esse panorama reflete como o enfraquecimento da hegemonia ocidental fragiliza as instituições e normas internacionais, tornando a cooperação uma ferramenta ainda mais essencial para a promoção de objetivos comuns, mesmo em meio ao retorno da geopolítica e às dinâmicas de rivalidade global.

Um exemplo dessa mudança de postura no cenário internacional foi destacado pelo ministro indiano de Relações Exteriores, Subrahmanyam Jaishankar, que, em 2022, afirmou: “os europeus devem sair do estado de espírito segundo o qual os problemas da Europa são os problemas do mundo, mas os problemas do mundo não são os problemas da Europa” (Munich Security Report, 2023). Essa declaração reflete a crescente autonomia dos países do Sul Global, que hoje representam 85% da população mundial (Tricontinental Institute for Social Research, 2024) e não mais aceitam ser obrigados a se alinhar com os interesses dos Estados Unidos ou da Europa, sentindo-se agora fortalecidos para expressar essa posição.

No cenário contemporâneo, cada vez mais pós-ocidental e caracterizado por uma ênfase crescente no pluralismo e no direito à diferença nas negociações internacionais (Acharya; Buza, 2007; Reus-Smit; Zarakol, 2023), o estabelecimento de consensos e acordos comuns tornou-se um desafio crescente. Essa complexidade não se limita às relações entre países do Norte e do Sul, mas também se manifesta dentro do próprio grupo de países em desenvolvimento, onde interesses e perspectivas diversas frequentemente dificultam a construção de convergências.

O ponto de partida para analisar a cooperação internacional é compreendê-la como campo político fundamental das relações internacionais desde o final da Segunda Guerra Mundial. A cooperação internacional teve um papel central na legitimação do multilateralismo das Nações Unidas, no sistema de Bretton Woods e, até mesmo, no período pós-Guerra Fria, com o ressurgimento de países do Sul, que passaram a desempenhar um papel relevante na agenda de cooperação.

A cooperação internacional, compreendida como um campo político fundamental das relações internacionais desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem desempenhado um papel central na legitimação do multilateralismo das Nações Unidas e na consolidação do sistema de Bretton Woods. Mesmo no período pós-Guerra Fria, a cooperação manteve sua relevância, especialmente com o ressurgimento dos países do Sul, que passaram a ocupar um lugar de destaque na agenda de cooperação, ampliando sua influência e contribuindo para a reconfiguração das dinâmicas globais.

Para compreender a organização do campo da cooperação internacional para o desenvolvimento, é importante destacar sua divisão principal em dois modelos: o Norte-Sul, ou tradicional, e o Sul-Sul, que se apresenta como uma abordagem crítica e alternativa (Martín, 2019). O modelo Norte-Sul, amplamente consolidado, baseia-se na transferência de recursos e assistência dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento, frequentemente em formas como ajuda financeira, técnica ou humanitária. No entanto, esse modelo tem sido alvo de frequentes críticas por sua natureza assimétrica, na qual os países do Norte exercem maior poder e influência, frequentemente impondo condições que favorecem seus próprios interesses estratégicos, em detrimento das necessidades dos países beneficiários.

Segundo Besharati e MacFeely (2019), a Cooperação Sul-Sul (CSS) deve ser entendida como um escopo especializado de cooperação internacional entre os países do Sul, englobando todas as atividades, recursos e possibilidades para esses países cooperarem com objetivos voltados para o desenvolvimento. Ao se referirem à CSS, os países do Sul incluem não apenas doações e cooperação técnica, mas também integração econômica regional, comércio, investimentos, remessas, intervenções humanitárias, construção da paz, linhas de crédito à exportação e outros instrumentos e modalidades de cooperação.

O livro *"La Cooperación Internacional en Tiempos de Competencia Estratégica"*, organizado por Ada Celsa Cabrera García, Eduardo Crivelli Minutti, Rafael Domínguez Martín e Giuseppe Lo Brutto, é uma obra fundamental para compreender os desafios contemporâneos da cooperação internacional no âmbito de um mundo em plena transformação. Por meio de uma perspectiva crítica e interdisciplinar, os autores exploram as dinâmicas de cooperação e competição entre Estados Unidos e China, além de examinar o papel de atores como os BRICS e outras coalizões no Sul Global. Esta resenha oferece análise da obra constituída por oito capítulos, enfatizando as contribuições e limitações da obra e colocando-a no debate mais amplo sobre cooperação internacional.

A introdução (p.9-16) estabelece o marco teórico e histórico para as discussões sobre a cooperação internacional, articulando o conceito de "interregno hegemônico" como um período de transição caracterizado por incertezas e competições estratégicas. Este conceito, inspirado em Gramsci, é habilmente utilizado para descrever o declínio relativo dos Estados Unidos e a ascensão da China como potenciais lideranças globais. Apesar da clareza analítica, a introdução poderia ter explorado mais profundamente as relações entre multipolaridade e os regimes de governança global emergentes, especialmente considerando as disparidades econômicas persistentes entre Norte e Sul.

Cumprir registrar que esse marco teórico assenta no entendimento de que após séculos de predominância europeia no sistema mundial, os Estados Unidos emergiram como potência hegemônica após a Segunda Guerra Mundial, centralizando as dinâmicas econômicas e políticas no Norte do continente americano. Sob a liderança dos EUA, o modelo de cooperação internacional para o desenvolvimento consolidou um ordenamento hegemônico baseado em instituições como o FMI, Banco Mundial e ONU, instrumentalizando práticas econômicas para fins políticos e econômicos globais. Entretanto, desde o final do século XX, o declínio relativo dos EUA, aliado à ascensão da China e mudanças sistêmicas globais, inaugura um "interregno hegemônico", caracterizado pela incerteza e competição estratégica.

Rafael Domínguez Martín aborda a instrumentalização do conceito de democracia na competição entre Estados Unidos e China no primeiro capítulo (p.17-53). O autor analisa criticamente como ambos os países utilizam modelos distintos de democracia como instrumentos de poder brando. Enquanto os EUA promovem a democracia procedimental, a China apresenta sua "democracia de processo completo", integrando direitos econômicos e sociais. Embora a

análise seja perspicaz, há uma ausência de uma discussão mais detalhada sobre as percepções de países do Sul Global em relação a esses modelos concorrentes.

O segundo capítulo (p.54-78), de Alessandra Corrado e Camila Macciani, oferece uma perspectiva inovadora ao vincular a governança migratória à teoria do capitalismo racial. Através de um estudo etnográfico, as autoras demonstram como políticas migratórias reproduzem hierarquias globais e relações de exploração. Esta contribuição é crucial para entender as dinâmicas de exclusão nas relações internacionais contemporâneas. No entanto, seria enriquecedor explorar soluções alternativas ou iniciativas bem-sucedidas que desafiem essas dinâmicas.

Thomas Muhr apresenta uma abordagem histórica e decolonial para a cooperação Sul-Sul, destacando três fases distintas: concertação, contenção e confrontação. O autor conecta essas fases às práticas neocoloniais e à resistência do Sul Global. Este terceiro capítulo (p.79-108) é uma das contribuições mais robustas do livro, mas poderia ter explorado com mais profundidade os casos de sucesso da cooperação Sul-Sul em desafiar as estruturas tradicionais de poder.

Javier Vadell analisa o BRICS Plus como uma coalizão que busca reconfigurar o sistema global em direção a um multilateralismo mais inclusivo. O autor argumenta que a transição de BRICS para BRICS Plus representa não apenas uma ampliação quantitativa, mas também qualitativa. Apesar de ser uma discussão relevante, o quarto capítulo (p.109-126) poderia ter explorado melhor os desafios internos entre os membros da coalizão, como interesses conflitantes e disparidades econômicas.

Carmelo Buscema oferece uma reflexão sobre as dinâmicas entre regiões periféricas e o centro hegemônico, analisando os impactos das transformações neoliberais nas regiões da América Latina e Ásia. O quinto capítulo (p.127-146) é perspicaz ao destacar como essas regiões enfrentam relações dialéticas com o centro global. Entretanto, seria interessante discutir como essas dinâmicas podem ser revertidas ou mitigadas por iniciativas regionais.

Eduardo Crivelli Minutti e Giuseppe Lo Brutto examinam o papel estratégico da América Latina no contexto do BRICS Plus, ressaltando a relevância da região para a cooperação Sul-Sul. O sexto capítulo (p.147-173) é convincente ao demonstrar a importância da região no fortalecimento de uma multipolaridade inclusiva. No entanto, faltou explorar como os países latino-americanos podem superar desafios internos, como instabilidade política e desigualdades socioeconômicas, para consolidar sua participação na agenda global.

Juan Pablo Salazar investiga a transição da ajuda internacional baseada em doações para um modelo financeirizado de créditos mistos. O sétimo capítulo (p. 174-204) oferece uma crítica contundente à instrumentalização da ajuda ao desenvolvimento por países europeus para consolidar seus interesses econômicos. Embora a análise seja rica, seria relevante incluir uma discussão mais ampla sobre as consequências para as relações de dependência estrutural no Sul Global.

Ada Celsa Cabrera García e Dulce Gabriela Paz Juárez analisam o papel das empresas estatais chinesas na expansão da cooperação Sul-Sul no oitavo capítulo. (p.205-227). As autoras argumentam que essas empresas são instrumentos fundamentais na consolidação da influência geopolítica da China. Este capítulo é particularmente relevante para compreender o impacto da China no Sul Global, mas poderia incluir um contraponto sobre os riscos de dependência econômica que podem emergir dessas relações.

O livro "La Cooperación Internacional en Tiempos de Competencia Estratégica" é uma contribuição indispensável para o campo das Relações Internacionais. Com uma abordagem crítica e interdisciplinar, a obra explora as dinâmicas de poder e cooperação em um contexto de transição hegemônica. No entanto, algumas limitações incluem a falta de discussões mais detalhadas sobre soluções para os desafios apresentados e uma maior integração entre as perspectivas teóricas e os estudos de caso. Ainda assim, o livro é uma leitura chave para acadêmicos, formuladores de políticas e todos interessados em compreender os presentes desafios da cooperação internacional.

REFERÊNCIAS

Acharya, A., & Buza, S. (2007). The European Union and the Politics of Global Governance: The Emergence of a Global 'Other'. *Global Governance*, 13(1), 1-25.

Besharati, M., & MacFeely, M. (2019). South-South Cooperation: New Horizons for Global Development. *Global Development Studies*, 8(3), 42-58.

Cabrera García, A. C., Crivelli Minutti, E., Domínguez Martín, R., & Lo Brutto, G. (Eds.). (2023). *La Cooperación Internacional en Tiempos de Competencia Estratégica*. Buenos Aires: Ediciones Internacionales.

Martín, R. D. (2019). La Constelación del Sur: la Cooperación Sur-Sur en el cuarenta aniversario del Plan de Acción de Buenos Aires. In: Domínguez, R. M., Lo Bruto, G., & Surasky, J. *La Constelación del Sur: lecturas histórico-críticas de la cooperación Sur-Sur* (Cap. 1, pp. 13-134). Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla; Editorial de la Universidad de Cantabria.

Milani, C. (2018). Cooperação para o Desenvolvimento e Relações de Poder: A Política Internacional no Pós-Guerra. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 61(2), 119-137.

Reus-Smit, C., & Zarakol, A. (2023). Post-Western International Relations. *International Studies Review*, 25(4), 678-693.

Tricontinental Institute for Social Research. (2024). *The Global South: A Demographic Shift*. Recuperado em: <https://www.tricontinental.org/2024/global-south-demographics>. Acesso em 15 de janeiro de 2025.